

Paul B. Preciado

Um apartamento em Urano

Crônicas da travessia

Tradução:
Eliana Aguiar

Prefácio:
Virginie Despentes



Soberania *snuff*
A coragem de ser você mesmo
Catalunha trans
Necrológio aos berros para Pedro Lemebel
Happy Valentine's
O museu apagado
Ne(©r)oliberalismo
Chamando os ajayus
Preservativos químicos
Orlando *on the road*
Europa ou Sivriada
Nos braços da Rodina-Mat
Mudar de voz
Sua cadeira é um tesão
Beirute, *mon amour*
Agorafilia
A quem a dívida grega aquece?
Uma escola para Alan
Teatro do mundo
Etimologias
Homenagem à babá desconhecida
Uma cama na outra Babilônia
Ocupar as noites
A nova catástrofe da Ásia Menor
Cidadania em transição
Meu corpo não existe
Viagem a Lesbos
Requerimento nº 34/2016
Casa vazia
O método Marx

O lugar que o acolhe
A destruição foi minha Beatriz
Atenas, teen spirit
A revolução dos bichos
Tecnoconsciências
Imprimir a carne
O traseiro da história
Notícias do clitóris da América
A exposição apátrida
Eu gostaria de viver
Nossos bisontes
O preço da sua normalidade é a nossa morte
O Sul não existe
Piu-Piu tem um encontro marcado com a História
Malnascidos
Democratas contra a democracia
Alguns corpos
Comemorações
Não quero um presidente
Melhor que filho
Carta de um homem trans ao antigo regime sexual

Notas

Créditos

*A Itziar,
the broad sun
the loved shore*

A edição final deste livro foi possível graças a uma bolsa de escrita da Fundação Luma Arles.

Prefácio

VIRGINIE DESPENTES

PAUL,

Quando você me perguntou se eu queria escrever este prefácio, estávamos no seu apartamento no centro de Paris. Os lugares onde você mora lembram sempre celas monásticas. Uma escrivaninha, um computador, alguns cadernos, uma cama com uma pilha de livros ao lado. É estranho estar na sua casa sem estar na minha casa — você é a pessoa com quem mais convivi, e esse afeto, estranho e familiar ao mesmo tempo, ainda é um enigma para mim, como um sentimento a meio caminho entre prazer e dor, ou, melhor dizendo, as duas coisas juntas. Deve ser isso a nostalgia.

Você me perguntou se eu queria escrever este prefácio e eu respondi que sim sem hesitar. Vivíamos juntos quando você começou a escrever estas crônicas, e depois da separação você continuou a me enviar os textos para eu revisar o francês — nós dois sabemos que o *Libération* podia muito bem fazer isso, mas era uma forma de preservar um vínculo. Para mim, uma maneira de continuar a viver nas suas palavras — de não perder o fio do seu pensamento.

Sei como você escreve. Você não tem bloqueio de escritor. Eu não seria capaz de fazer esse tipo de crônica, pois a cada vez mergulharia numa semana de pura angústia — uma semana igual à que passei para começar este prefácio. Estabeleci desde o começo que ele deveria ter 5 mil caracteres, o tamanho dos seus artigos. Bolei rapidamente um projeto, mas a característica do bloqueio é que, mesmo sabendo o que

você quer dizer, e mesmo que você não se levante da cadeira, nada acontece. O projeto que eu tinha em mente começava assim: “No momento em que escrevo este prefácio, você está saindo da delegacia onde foi prestar queixa contra as ameaças de morte pichadas hoje à noite na sua porta”. Os mesmos insultos e ameaças apareceram pichados na porta do Centro LGBT de Barcelona. Você me manda um WhatsApp: “Estou saindo da delegacia com frio nos ossos e o maxilar travado. Não gosto de ir à polícia”. Mas, desde que nos conhecemos, não é a primeira vez que você tem de ir à polícia por causa de ameaças de morte. Na primeira vez, eu pedi que não desse importância a isso, que não respondesse nada. “Se eles escrevem contando como vão matá-lo é porque não têm a intenção de fazê-lo.” Até o dia em que um ativista gay de Madri ameaçado de morte foi espancado na frente de casa — e, embora tenha sido considerado morto, conseguiu sobreviver. Depois disso, quando voltou a receber ameaças de morte, você resolveu prestar queixa. E explicou aos policiais tudo que eles precisavam saber sobre as micropolíticas queer. Esta é a sua especialidade: contar às pessoas histórias que elas são incapazes de imaginar — e convencê-las de que é razoável desejar que o inimaginável aconteça.

No dia em que escrevo este prefácio, o deputado brasileiro Jean Wyllys anuncia a decisão de deixar seu país por temer pela própria vida. E o jovem Bilal Hassani é escolhido para representar a França no festival de música Eurovision e recebe uma torrente de insultos homofóbicos.

Quando você começou a escrever estas crônicas para o jornal *Libération*, os principais meios de comunicação franceses apoiavam com entusiasmo as manifestações contra o casamento gay, como se fosse preciso promovê-las dia após dia. Era indispensável dar voz à intolerância, defender o direito dos fundamentalistas da heterossexualidade de expressar seu ódio. Era o sinal, todos o ouvimos, era o fim de uma década de tolerância. Quando começou a escrever

estas crônicas, você ainda se chamava Beto e não tomava testosterona regularmente, mas já falávamos de você no masculino, como era o seu desejo. Você costumava chamar os bio-homens de peludos, o que me fazia rir. Hoje ninguém mais pensaria em corrigir, “desculpe, senhora”, depois de tê-lo chamado de senhor. Hoje você é trans, e, quando estamos juntos na rua, o que me perturba não é que os homens demonstrem mais consideração, mas o fato de que as mulheres não se comportam mais da mesma maneira. Elas o adoram. Antes, as heterossexuais não sabiam o que pensar da sua feminilidade masculina — e não ficavam à vontade na sua frente. Hoje, simplesmente o adoram — quer estejam passeando na calçada com o cachorrinho, vendendo queijo, trabalhando de garçonete, elas gostam de você e transmitem isso como só as mulheres sabem fazer, com uma chuva de pequenas atenções gratuitas. Você diz que é estranho tornar-se homem conservando intacta a memória da opressão. E sempre diz também que exagero, que elas não lhe dão nenhuma atenção especial. O que me faz rir.

Uma vez reunidos, seus artigos desenham um *skyline* coerente. Lembro de cada um deles, do momento em que foram publicados, mas é uma surpresa vê-los todos juntos, do começo ao fim. Uma excelente surpresa. Várias histórias se desenrolam ao mesmo tempo, em grupos, entrecruzadas, alternadas. Em espiral, como diria Barthes, sempre em torno dos mesmos pontos, mas não na mesma altura. Este é um livro diferente dos seus outros livros, mais autobiográfico, mais acessível, e ao mesmo tempo lembra *Testo Junkie*, no qual você entrelaçava vários fios; “a trança”, como você a chamava. Esta coletânea também é uma trança. Há um fio dessa história que diz respeito a nós: nossa separação e os anos seguintes. E há outros fios que se entrelaçam para formar outros motivos. Ela é também a história do fim das democracias no Ocidente. De como os mercados financeiros descobriram que funcionavam muito

bem em regimes autoritários, até melhor do que nas democracias, pois consumimos melhor de pés e mãos atados. E é também a história dos refugiados detidos nos campos de assentamento, mortos no mar ou abandonados à miséria em cidades opulentas que se dizem herdeiras do cristianismo — e sei que você não estabelece um paralelo entre a situação deles e a sua pelo gosto estético ou pela pose de esquerda, mas porque você sabe, menina masculina que cresceu no final da ditadura franquista e que agora é trans, que é e sempre será um deles, porque a miséria, como diz Calaferte, “nunca é uma questão de força” moral ou mental, ou de mérito. A miséria é como um caminhão passando por cima de você, esmagando tudo. E você nunca mais esquece.

E esta coletânea é também, claro, a história da sua transição — das suas transições. A sua história não é a da passagem de um ponto a outro, mas a da errância e do interlúdio como lugar de vida. Uma transformação constante, sem identidade fixa, sem atividade fixa, sem endereço fixo, sem país. Você chamou este livro de *Um apartamento em Urano* porque não tem nenhum apartamento na Terra, apenas as chaves de um lugar em Paris, como teve, durante dois anos, as chaves de um apartamento em Atenas. Você não se muda. Você se move, mas não se muda. Estabelecer-se não lhe interessa. Você deseja o estatuto de clandestino permanente. Você mudou seu nome nos papéis de identidade e, assim que passou a se chamar Paul para poder cruzar as fronteiras, tratou de escrever no *Libération* que não tinha nenhuma intenção de adotar a masculinidade dominante como novo gênero: você deseja um gênero utópico.

É como se o possível tivesse se transformado numa prisão e você num fugitivo. Você escreve entre os possíveis — e, ao fazê-lo, implementa um outro possível. E você me ensinou uma coisa essencial: não se faz política sem entusiasmo. Quem faz política sem entusiasmo é de direita. E você faz política com um entusiasmo contagioso — sem

nenhuma hostilidade contra os que exigem a sua morte, apenas com a consciência da ameaça que eles representam para todos nós. Mas você não tem tempo para a hostilidade nem o temperamento para a cólera — revela mundos a partir das margens, e o que tem de mais surpreendente é essa capacidade de continuar a imaginar outra coisa. Como se as propagandas deslizassem sobre você e seu olhar fosse sistematicamente capaz de desestabilizar as evidências. A sua arrogância é sexy — a arrogância alegre que permite que pense em outros lugares, nos interstícios, que queira morar em Urano e escrever numa língua que não é a sua, antes de dar conferências numa outra língua que tampouco é a sua... Passar de uma língua a outra, de um tema a outro, de uma cidade a outra, de um gênero a outro — as transições são a sua casa. Não quero abandonar jamais essa casa por completo, não quero esquecer jamais a sua língua intermediária, a sua língua encruzilhada, a sua língua em transição.

Esta foi a ideia de projeto que tive, e eu gostaria de concluir falando dessa obsessão dos regimes autocráticos — de extrema direita, religiosos ou comunistas — de investir contra os corpos queer, os corpos das putas, os corpos trans, os corpos fora da lei. É como se tivéssemos petróleo e todos os regimes poderosos quisessem esse petróleo, e para isso precisassem nos expulsar da gestão de nossas terras. É como se fôssemos muito ricos de uma matéria-prima indefinível. E, se interessamos tanta gente, é porque devemos possuir algo cuja essência é rara e preciosa — do contrário, como explicar que todos os movimentos liberticidas demonstrem tamanho interesse por nossas identidades, nossas vidas, nossos corpos e pelo que fazemos em nossas camas?

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, estou mais otimista que você. Imagino que as crianças nascidas depois do ano 2000 não vão se deixar enrolar por essa estupidez — e não sei se o meu otimismo vem de um terror tão grande que me nego a enfrentá-lo, se ele vem de uma

intuição correta ou se é apenas aburguesamento e a vontade de dizer a mim mesma que tudo vai ficar como está porque tenho muito a ganhar com isso. Não sei. Mas pela primeira vez na vida sinto que toda essa violência ressurgente não é mais que o último cartucho da masculinidade tradicional assassina, violadora e abusiva. É a última vez que vamos ouvi-los berrar e que eles vão nos matar nas ruas para conjurar a miséria que baliza seu pensamento. Creio que as crianças nascidas depois do ano 2000 vão perceber que manter essa ordem masculinista — ou “tecnopatriarcal”, para usar palavras suas — significa morrer e perder tudo.

Acho que essas crianças lerão seus textos e entenderão suas propostas, acho que essas crianças vão amá-lo. Seu pensamento, seu horizonte, seus espaços. Você escreve para um tempo que ainda não chegou. Você escreve para crianças que ainda não nasceram e que viverão, elas também, nessa transição constante que é própria da vida.

E desejo todo o prazer do mundo ao leitor que entra em seu livro. Seja bem-vindo ao apartamento de Paul B. Preciado. Você está embarcando numa nave espacial da qual não sairá ileso — mas fique tranquilo, não haverá violência. Simplesmente, passando as páginas, pouco a pouco e sem se dar conta, você perceberá que o mundo está de cabeça para baixo e que a gravidade não passa de uma vaga lembrança. Você estará em outro lugar. E, ao sair desta leitura, saberá que o espaço existe e está aberto — que existe um lugar onde é possível ser completamente diferente de tudo que lhe permitiram imaginar até hoje.

Introdução

Um apartamento em Urano

COM O PASSAR DOS ANOS, não sei se por consolo ou sabedoria, aprendi a considerar os sonhos como parte integrante da vida. Há sonhos que, por sua intensidade sensorial, às vezes pelo realismo, às vezes justamente pela falta dele, merecem entrar numa biografia em pé de igualdade com o mais notório dos fatos acontecidos durante aquilo a que normalmente se reduzem as ditas experiências realmente vividas, ou seja, as que ocorrem durante a vigília. Ao fim e ao cabo, a vida começa e termina na inconsciência, e as ações plenamente conscientes não passam de ilhotas num arquipélago de sonhos. Seria tão absurdo reduzir a vida à vigília quanto considerar que a realidade é feita de blocos lisos e perceptíveis em vez de ser um enxame mutante de partículas de energia e matéria vibrátil apenas porque não somos capazes de percebê-las a olho nu. Por isso, nenhuma vida pode ser plenamente narrada ou avaliada em sua felicidade ou em sua loucura sem levar em conta as experiências oníricas. É a máxima de Calderón de la Barca, mas invertida: não se trata aqui de ver que a vida é um sonho, mas de ver que os sonhos também são vida. É tão estranho pensar, como os egípcios, que os sonhos seriam canais cósmicos através dos quais a alma dos antepassados se comunica conosco quanto pensar, como quer a neurociência, que seriam um “copiar e colar” de elementos vividos pelo cérebro na vigília que retornariam na fase REM do sono, quando nossos olhos se deslocam rapidamente sob as pálpebras, como se estivessem vendo. Fechados e adormecidos, os olhos continuam a ver. Logo, seria mais apropriado

dizer que o psiquismo humano não para de criar e processar a realidade, às vezes em sonhos, às vezes acordado.

Nos últimos meses, minha vida diurna e desperta tem andado, para usar o eufemismo catalão, “bem, se não entrarmos em detalhes”. Já minha vida onírica desenvolveu a potência de um romance de Ursula K. Le Guin. Num de meus últimos sonhos, eu estava conversando com a artista Dominique Gonzalez-Foerster sobre minhas dificuldades, depois de anos de vida nômade, para resolver em que lugar do mundo viver. Observávamos os planetas girando suavemente em suas órbitas como se fôssemos duas crianças gigantes e o sistema solar fosse um móbile de Calder. Expliquei que, para evitar o conflito da decisão, tinha alugado, por ora, um apartamento em cada planeta, e não passava mais de um mês em cada um, situação que já se mostrava emocional e economicamente insustentável. Sem dúvida por ser a autora do projeto *Exotourisme*, Dominique aparecia no sonho como especialista em questões imobiliárias no universo extraterrestre. “Eu teria um apartamento em Marte, mas manteria um *pied-à-terre* em Saturno”, dizia ela, demonstrando grande pragmatismo. “E abandonaria o apartamento em Urano. É longe demais.”

Acordado, não tenho grandes conhecimentos de astronomia e não conheço a posição e distância dos diversos planetas do sistema solar. Consulto o verbete dedicado a Urano na Wikipédia: é efetivamente um dos planetas mais distantes da Terra. Somente Netuno, Plutão e os planetas-anões Haumea, Makemake e Éris são mais distantes. Leio também que Urano foi o primeiro planeta descoberto com a ajuda de um telescópio, apenas oito anos antes da Revolução Francesa. Utilizando uma lente construída por ele mesmo, o astrônomo e músico William Herschel pôde observá-lo no jardim de sua casa no número 19 da rua New-King, na cidade de Bath, num 13 de março de céu claro, brilhando com luz amarela e deslocando-se lentamente. Sem saber ainda

se se tratava de uma enorme estrela ou de um cometa sem cauda, Herschel deu-lhe o nome de *Georgium Sidus*, planeta de George, para consolar o rei, segundo dizem, pela perda das colônias britânicas nas Américas: a Inglaterra havia perdido um continente, mas o rei ganhava um planeta. Graças a Urano, Herschel pôde viver com uma generosa pensão real de duzentas libras anuais. Por culpa de Urano, teve de abandonar a música e a cidade de Bath, onde era diretor de orquestra, para instalar-se em Windsor, para que o rei se certificasse da existência de sua nova e distante conquista por meio do telescópio. Por culpa de Urano, dizem que Herschel enlouqueceu e dedicou o resto de sua vida à construção do maior telescópio do século XVIII, que os ingleses chamavam de o Monstro. Por culpa de Urano, dizem que Herschel nunca mais tocou oboé. Ele morreu aos 84 anos: exatamente o tempo necessário para Urano completar uma volta em torno do Sol. Dizem que o diâmetro do tubo de seu telescópio era tão grande que a família o utilizou como refeitório para celebrar seu funeral.

Com lentes mais potentes que as do Monstro, os físicos contemporâneos definem Urano como um “gigante gelado” e gasoso, composto de gelo, metano e amônia. É o planeta mais frio do sistema solar, com ventos que podem ultrapassar os novecentos quilômetros por hora. Em suma, não se pode dizer que as condições de habitabilidade sejam convenientes. Dominique tinha razão: preciso deixar o apartamento em Urano.

Mas o sonho de Urano funcionou como um vírus em meu cérebro. Desde aquela noite, quando estou acordado, cresce em mim a sensação não só de ter um apartamento em Urano, mas também de que é em Urano que desejo viver.

Para os gregos, e para mim em meu sonho, Urano era o teto sólido do mundo, o limite da abóbada celeste. Em inúmeras invocações rituais gregas, Urano é visto como a casa dos deuses ou, para seguir a

semântica do sonho, o lugar distante e etéreo onde os deuses tinham seus apartamentos. Na mitologia, Urano é o filho que Gaia, a Terra, concebeu sozinha, sem inseminação ou acasalamento. A mitologia grega é ao mesmo tempo uma espécie de conto de ficção científica retrô, que antecipa no modo *do it yourself* as tecnologias de reprodução e transformação do corpo que surgirão ao longo dos séculos XX e XXI, e uma telenovela kitsch, na qual os personagens entregam-se a uma quantidade inimaginável de relações fora da lei. Assim, Gaia acabou se casando com seu filho Urano, um titã representado muitas vezes em meio a uma nuvem de estrelas, como uma espécie de Tom of Finland dançando com outros tipos musculosos num clube *techno* do monte Olimpo. Das núpcias incestuosas e pouco heterossexuais entre o céu e a terra nasceu a primeira geração de titãs, entre os quais Oceano (a Água), Cronos (o Tempo) e Mnemosine (a Memória). Urano é ao mesmo tempo o filho da Terra e o pai de todo o resto. Não se sabe ao certo qual era o seu problema, mas a verdade é que não era um bom pai: ou retinha os filhos no útero de Gaia ou tratava de jogá-los no Tártaro assim que nasciam. Assim, Gaia convenceu um dos filhos a submeter o pai a uma última e definitiva operação contraceptiva. Está no Palazzo Vecchio de Florença a representação que Giorgio Vasari fez, no século XVI, de Cronos castrando o pai, Urano, com uma foice. Dos genitais amputados de Urano nasceu Afrodite, a deusa do amor... o que poderia sugerir que o amor vem da desconexão entre os órgãos genitais e o corpo, do deslocamento e da exteriorização da força genital.

Essa forma de concepção não heterossexual, citada em *O banquete* de Platão, inspirou o jurista alemão Karl Heinrich Ulrichs, que em 1864 criou o termo “uranista” para designar o que ele chamou de “terceiro sexo”. Para explicar a existência de homens que sentem atração por outros homens, Ulrichs segue Platão e divide a subjetividade em dois, separando a alma do corpo e inventando uma combinação de almas e

corpos que lhe permite reivindicar a dignidade daqueles que amam de outra maneira. A segmentação de alma e corpo reproduz, na ordem da experiência, a epistemologia binária da diferença sexual. Só existem duas opções, masculino e feminino. Os uranistas não são, segundo Ulrichs, doentes ou criminosos, mas almas femininas encerradas em corpos masculinos que se sentem atraídas por almas masculinas. Não era uma solução nada ruim para legitimar uma forma de amor que podia, na Inglaterra e na Prússia daquela época, levar à forca, e que hoje continua ilegal em 74 países e pode ser punida com a pena de morte em treze deles, entre os quais Nigéria, Iêmen, Sudão, Irã e Arábia Saudita, além de ser motivo habitual de violência familiar, social e policial na maioria das democracias ocidentais.

Ulrichs não faz essa afirmação como cientista: ele fala na primeira pessoa. Não diz “existem uranistas”, mas “sou uranista”. Afirma isso em latim, em 28 de agosto de 1867, depois de ter sido condenado à prisão e de ter seus livros proibidos, diante de um congresso de quinhentos juristas, dos membros do Parlamento alemão e de um príncipe bávaro: público ideal para tais confissões. Até então, Ulrichs se escondera sob o pseudônimo de Numa Numantius. Mas nesse dia ele fala em seu próprio nome, ousa sujar definitivamente o nome do pai. Em seu diário íntimo, Ulrichs confessa que estava aterrorizado e que, alguns minutos antes de subir ao palco do Teatro Odéon de Munique, pensou em fugir e nunca mais voltar. Mas então lembrou-se de repente das palavras com que o escritor suíço Heinrich Hössli havia defendido, alguns anos antes, os sodomitas (mas sem falar na primeira pessoa):

Tenho dois caminhos diante de mim: escrever este livro e expor-me à perseguição ou não o escrever e viver cheio de culpa até o dia do meu enterro. Enfrentei, com certeza, a tentação de parar de escrever... Mas surgiram diante dos meus olhos as imagens dos perseguidos, dos que sequer nasceram e já são miseráveis, e das mães infelizes que, ao lado dos berços,

embalam seus filhos malditos e inocentes! Vi depois os nossos juízes de olhos vendados. Por fim, imaginei o coveiro fechando a tampa do ataúde sobre meu rosto frio. Então, antes que me submetesse, o desejo imperioso de levantar e defender a verdade oprimida tomou conta de mim... E continuei a escrever, afastando decididamente os olhos daqueles que trabalharam para a minha destruição. Não devo escolher entre calar ou falar. Digo a mim mesmo: “Fale ou seja julgado!”.

Ulrichs conta em seu diário que, ao ouvir seu discurso, juízes e parlamentares que estavam na plateia do Odéon de Munique começaram a gritar como uma multidão furiosa: “Suspendam a sessão! Suspendam a sessão!”. Mas anota também que uma ou duas vezes se ergueram para dizer: “Deixem-no falar!”. Em meio a um tumulto caótico, o presidente deixa o teatro, mas alguns parlamentares ficam. A voz de Ulrichs treme. Eles ouvem.

Mas o que significa falar para aqueles a quem foi negado o acesso à razão e ao conhecimento, o que significa para nós, que fomos considerados doentes mentais? Com que voz podemos falar? O jaguar ou o ciborgue podem nos emprestar suas vozes? Falar é inventar a língua da travessia, projetar a voz numa viagem interestelar: traduzir nossa diferença para a linguagem da norma, enquanto continuamos a praticar em segredo um blá-blá-blá insólito que a lei não entende.

Ulrichs foi, portanto, um dos primeiros cidadãos europeus a declarar publicamente que queria um apartamento em Urano. Foi o primeiro doente sexual e criminoso que tomou a palavra para denunciar as categorias que o construíram como doente sexual e como criminoso. Ele não disse: “Não sou um sodomita”. Ao contrário, defendeu o direito da prática da sodomia entre homens, reivindicando uma reorganização dos sistemas de signos, uma modificação dos rituais políticos que definem o reconhecimento social de um corpo como são ou doente, legal ou ilegal. Inventou uma nova linguagem e uma nova cena da

enunciação. Em cada palavra de Ulrichs falando de Urano para os juristas de Munique, ecoa a violência produzida pela epistemologia binária do Ocidente. O universo inteiro cortado em dois e somente em dois. Tudo tem um direito e um avesso nesse sistema de conhecimento. Somos o humano ou o animal. O homem ou a mulher. O vivo ou o morto. Somos o colonizador ou o colonizado. O organismo ou a máquina. Fomos divididos pela norma. Cortados em dois e forçados em seguida a escolher uma de nossas partes. O que chamamos de subjetividade não é mais que a cicatriz deixada pelo corte na multiplicidade do que poderíamos ter sido. Sobre essa cicatriz assenta-se a propriedade, funda-se a família e lega-se a herança. Sobre essa cicatriz, escreve-se o nome e afirma-se a identidade sexual.

Em 6 de maio de 1868, Karl Maria Kertbeny, militante e defensor dos direitos das minorias sexuais, envia uma carta manuscrita a Ulrichs na qual inventa a palavra “homossexual” para referir-se ao que o amigo chamava de “uranista”. Ele defende, contra a lei antissodomia promulgada na Prússia, a ideia de que as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo são tão “naturais” quanto aquelas que ele chama, também pela primeira vez, de “heterossexuais”. Se para Kertbeny homossexualidade e heterossexualidade eram simplesmente duas formas naturais de amar, para os representantes da lei e da medicina do final do século XIX, a homossexualidade será recodificada como doença, desvio e crime.

Não estou falando de história. Estou falando da sua vida, da minha, de agora. Enquanto a noção de “uranismo” se perdia nos arquivos da literatura, as noções criadas por Kertbeny transformaram-se em autênticas técnicas biopolíticas de gestão da sexualidade e da reprodução no século XX, a tal ponto que a maioria de vocês continua a utilizá-las com referência à própria identidade, como se fossem categorias descritivas. A homossexualidade estará presente nos manuais

psiquiátricos do Ocidente como doença sexual até 1975 e ainda é uma noção central não somente nos discursos da psicologia clínica, mas também nas linguagens políticas das democracias ocidentais. Quando a noção de “homossexualidade” desaparece dos manuais psiquiátricos, as noções de “intersexualidade” e “transexualidade” aparecem como novas patologias para as quais a medicina, a farmacologia e a lei propõem remédios. Cada corpo nascido num hospital do Ocidente é examinado e submetido aos protocolos da avaliação da normalidade de gênero inventados nos anos 1950, nos Estados Unidos, pelos doutores John Money, John e Joan Hampson: se o corpo do bebê não se adapta aos critérios visuais da diferença sexual, ele será submetido a uma bateria de cirurgias de “redesignação sexual”. Da mesma forma, com algumas exceções, nem o discurso científico nem a lei reconhecem a possibilidade de que um corpo possa ser inscrito na sociedade dos humanos sem aceitar a diferença sexual. A transexualidade e a intersexualidade são descritas como patologias marginais e não como sintomas da inadequação do regime político-visual da diferença sexual à complexidade da vida.

Como vocês podem, como nós podemos organizar todo um sistema de visibilidade, de representação, de concessão de soberania e de reconhecimento político segundo tais noções? Vocês realmente acreditam que são homossexuais ou heterossexuais, intersexuais ou transexuais? Essas distinções são preocupantes? Confiam nelas? Baseia-se nelas o sentido mesmo de sua identidade humana? Se vocês sentem um tremor na garganta ao ouvir alguma dessas palavras, não tentem disfarçar. É a multiplicidade do cosmos que tenta entrar em seu peito, como se fosse o tubo telescópico de Herschel. Permitam-me dizer que a homossexualidade e a heterossexualidade não existem fora de uma taxonomia binária e hierárquica que busca preservar a dominação do páter-famílias sobre a reprodução da vida. A homossexualidade e a

heterossexualidade, a intersexualidade e a transexualidade não existem fora de uma epistemologia colonial e capitalista, que privilegia as práticas sexuais reprodutivas como uma estratégia de gestão da população, da reprodução da força de trabalho, mas também da reprodução da população consumidora. É o capital e não a vida que se reproduz. Estas categorias são o mapa imposto pelo poder, não o território da vida. Mas se homossexualidade e heterossexualidade, intersexualidade e transexualidade não existem, então quem somos nós? Como amamos? Vamos imaginá-lo.

O sonho retorna e vejo que minha condição de trans é uma nova forma de uranismo. Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. Sou um uranista confinado nos limites do capitalismo tecnocientífico.

Como Ulrichs, não trago nenhuma notícia das margens, mas um pedaço do horizonte. Trago notícias de Urano, que não é nem o reino de deus nem a cloaca, muito pelo contrário. Designaram-me do sexo feminino quando nasci. Diziam de mim que era lésbica. Resolvi tomar por conta própria doses regulares de testosterona. Nunca pensei que fosse um homem. Nunca pensei que fosse uma mulher. Era vários. Não me considerava transexual. Quis experimentar com a testosterona. Adoro sua viscosidade, a imprevisibilidade das mudanças que provoca 48 horas depois da aplicação. E sua capacidade, se as aplicações são regulares, de desfazer a identidade, de fazer emergir estratos orgânicos do corpo que de outro modo permaneceriam invisíveis. Aqui, como em outros casos, o essencial são as unidades de medida: a dose, o ritmo das aplicações, a série, a cadência. Eu queria tornar-me desconhecido. Não pedi testosterona às instituições médicas como terapia hormonal para

tratar uma “disforia de gênero”. Eu quis funcionar com a testosterona, produzir a intensidade do meu desejo em conexão com ela, multiplicar meus rostos metamorfoseando minha subjetividade, fabricar um corpo como se fabrica uma máquina revolucionária. Desfiz a máscara de feminilidade que a sociedade havia colado em meu rosto até que meus documentos de identidade se tornassem ridículos, obsoletos. Depois, sem escapatória, aceitei identificar-me como transexual e “doente mental” para que o sistema médico-legal pudesse me reconhecer como corpo humano vivo. Paguei com o corpo o nome que carrego.

Ao tomar a decisão de construir minha subjetividade com testosterona, como o xamã constrói a sua com a planta sagrada, assumo a negatividade do meu tempo, negatividade que sou obrigado a representar e contra a qual só posso lutar nessa encarnação paradoxal que é ser um homem trans no século XXI, uma feminista portando o nome de homem no movimento #NiUnaMenos, um ateu do sistema sexo-gênero transformado em consumidor da indústria farmacopornográfica. Minha in-existente existência como homem trans é ao mesmo tempo o clímax do antigo regime sexual e o princípio do seu colapso, o fim de uma progressão normativa e o começo de uma proliferação futura.

Vim aqui falar a vocês e aos mortos, ou melhor, àqueles que vivem como se já estivessem mortos, mas vim falar sobretudo às crianças malditas e inocentes que vão nascer. Nós, os uranistas, somos os sobreviventes de uma tentativa sistemática e política de infanticídio: sobrevivemos à tentativa de matar em nós, quando ainda não éramos adultos e não podíamos nos defender, a multiplicidade radical da vida e o desejo de mudar os nomes de todas as coisas. Vocês estão mortos? Vão nascer amanhã? Quero felicitá-los atrasada ou antecipadamente.

Não trago nenhuma notícia das margens. Trago notícias da travessia que não é nem o reino de deus nem a cloaca, muito pelo contrário. Não

tenham medo, não se excitem, não vim aqui explicar nada de mórbido. Não vim dizer o que é um transexual, nem como mudar de sexo, nem o que há de bom ou ruim numa transição. Porque nada disso seria verdadeiro, não mais verdadeiro do que a luz da tarde quando o sol bate em algum ponto do planeta Terra, e que depende do lugar de onde se olha; não mais verdadeiro do que a lenta órbita amarela descrita por Urano em torno da Terra. Não direi o que acontece com as pessoas que usam testosterona, nem o que ela faz ao corpo. Façam o esforço de tomar as doses de conhecimento necessárias e que seu gosto pelo risco lhes permita.

Não vim para nada disso. Como dizia a minha mãe indígena, o escritor Pedro Lemebel, não sei para que vim, mas estou aqui. Nesse apartamento de Urano que dá para os jardins de Roma. E vou ficar um pouco. Na encruzilhada. Porque ela é o único lugar que existe. Não existem margens opostas. Estamos todos na encruzilhada. E é dessa encruzilhada que lhes falo, como o monstro que aprendeu a linguagem dos homens.

Não preciso mais afirmar, como Ulrichs, que sou uma alma de homem presa num corpo de mulher. Não tenho alma e não tenho corpo. Sou o cosmos. Tenho um apartamento em Urano, o que certamente me coloca longe da maioria dos terráqueos, mas não tão longe que eles não possam viajar para cá. Nem que seja em sonho.

Crônicas da travessia

Se este livro foi escrito sob o signo de Urano, é porque reúne algumas das “crônicas da travessia”. São as crônicas que escrevi, sobretudo em aeroportos e quartos de hotel, para o jornal francês *Libération* e outras mídias europeias entre 2010 e os primeiros meses de 2018. Quando comecei a escrevê-las, meu nome ainda era Beatriz, e, embora dissidente

como lésbica queer, eu ocupava uma posição social e jurídica feminina. Terminei este livro, sempre no meio da encruzilhada, assinando com meu novo nome e com um documento de identidade que indica que meu sexo legal é masculino. A partir do texto “Quem defende a criança queer”, de 2013, mantive a ordem cronológica na qual as crônicas foram escritas, pois trata-se também da sequência dessa transição sexual e do gênero, o relato da travessia. Nesse sentido, tais crônicas têm dois (ou mais) autores, ou, em outras palavras, nelas se manifesta de forma hiperbólica (fenômeno que existe em todo processo de escrita, mas que se esconde sob a unicidade do nome) a distribuição da autoria numa multiplicidade de vozes que operam a travessia.

Eu ousaria dizer inclusive que os processos de transição são os que permitem compreender melhor a transformação política mundial que estamos enfrentando. A mudança de sexo e a migração são duas práticas de transição que, questionando a arquitetura política e jurídica do colonialismo patriarcal, da diferença sexual e do Estado-nação, situam um corpo humano vivo nos limites da cidadania, talvez até daquilo que entendemos por humanidade. Além dos deslocamentos geográficos, linguísticos ou corporais, o que caracteriza as duas viagens é a transformação radical não somente do viajante, mas também da comunidade humana que o acolhe ou rejeita. O antigo regime (político, sexual, ecológico) criminaliza todas as práticas da travessia. Mas a cada vez que a travessia é possível, o mapa de uma nova sociedade começa a ser desenhado, com novas formas de produção e de reprodução da vida.

No meu caso, a travessia teve início em 2004, quando comecei a tomar pequenas doses de testosterona. Durante alguns anos, transitando num espaço de reconhecimento de gênero situado entre o feminino e o masculino, entre a masculinidade lésbica e a feminilidade king, vivi a experiência da posição que hoje denominamos gênero fluido. A fluidez das encarnações sucessivas chocava-se com a resistência social a aceitar a

existência de um corpo fora do binário sexual. Essa “fluidez” só foi possível durante os anos em que a quantidade de testosterona que eu tomava era aquela que chamamos de “dose umbral”, que não dispara no corpo a proliferação dos chamados “caracteres secundários” do sexo masculino. Estas crônicas começam em algum ponto desse umbral.

Paradoxalmente, renunciei à fluidez porque desejava a mudança. A decisão de “mudar de sexo” é acompanhada necessariamente por aquilo que Édouard Glissant chama de “tremor”. A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência. “O pensamento do tremor”, diz Glissant, “não é o pensamento do medo. É o pensamento que se opõe ao sistema.” Em setembro de 2014, dei entrada num protocolo médico-psiquiátrico de redesignação de gênero na clínica Audre Lorde, em Nova York. “Mudar de sexo” não é, como querem os guardiões do antigo regime sexual, dar um salto na psicose. Mas também não é, como pretende a nova gestão neoliberal da diferença sexual, um simples trâmite médico-legal que pode ser realizado durante a puberdade para dar passagem a uma normalidade absoluta. Um processo de redesignação de gênero numa sociedade dominada pelo axioma científico-mercantil do binarismo sexual, onde os espaços sociais, trabalhistas, afetivos, econômicos, gestacionais são segmentados em termos de masculinidade ou feminilidade, de heterossexualidade ou homossexualidade, significa cruzar aquela que talvez seja, junto com a da raça, a mais violenta das fronteiras políticas inventadas pela humanidade. Atravessar é ao mesmo tempo saltar um muro vertical infinito e caminhar sobre uma linha traçada no ar. Se o regime hétero-patriarcal da diferença sexual é a religião científica do Ocidente, então mudar de sexo só pode ser um ato herético. À medida que as doses de testosterona aumentavam, as mudanças ficavam mais intensas: os pelos do rosto não passam de um detalhe em comparação com a contundência da mudança que a voz

provoca no reconhecimento social. A testosterona produz uma variação da espessura das cordas vocais, músculos que, ao modificarem a sua forma, mudam o tom e o registro da voz. O viajante do gênero sente a mudança na voz como uma possessão, um ato de ventriloquismo que o obriga a identificar-se com o desconhecido. Essa mutação é certamente uma das coisas mais belas que já vivi. Ser trans é desejar um processo de “crioulização” interior: aceitar que só nos tornamos nós mesmos através da mudança, da mestiçagem, da mescla. A voz que a testosterona propulsiona em minha garganta não é a de um homem, é a voz da travessia. A voz que treme em mim é a voz da fronteira. “Compreendemos melhor o mundo”, diz Glissant, “quando trememos com ele, pois o mundo treme em todas as direções.”

Junto com a mudança de voz, veio a mudança de nome. Durante um tempo, desejei que meu nome feminino fosse flexionado no masculino. Queria me chamar Beatriz e ser tratado, segundo as gramáticas, com pronomes e adjetivos masculinos. Mas essa torção gramatical era ainda mais difícil que a fluidez de gênero. Resolvi, portanto, procurar um prenome masculino. Em maio de 2014, o subcomandante Marcos anunciou, numa carta aberta remetida de La Realidad zapatista, a morte do personagem Marcos, inventado como um nome sem rosto para dar voz ao processo revolucionário de Chiapas. Nesse mesmo comunicado, o subcomandante dizia que deixava de chamar-se Marcos para assumir o nome de Galeano, em homenagem a José Luis Solís López, vulgo Galeano, assassinado em 2014. Pensei então em chamar-me Marcos. Queria assumir esse nome como uma máscara zapatista cobrindo meu rosto e meu patronímico. Marcos seria uma forma de desprivatizar meu antigo nome, de coletivizar meu rosto. Minha decisão foi imediatamente denunciada por ativistas latino-americanos nas redes sociais como um gesto colonial. Eles argumentaram que, sendo branco e espanhol, eu não podia usar o nome de Marcos. A ficção política durou

apenas alguns dias. Esse nome, enxerto político fracassado, só existe como rastro efêmero inserido na assinatura da crônica de 7 de maio de 2014 no *Libération*. Eles tinham razão, sem dúvida. Havia nesse gesto arrogância colonial e vaidade pessoal, mas também uma busca desesperada de proteção. Quem se atreve a deixar seu nome para assumir um nome sem história, sem memória, sem vida? Aprendi duas coisas aparentemente contraditórias com o fracasso do enxerto do nome Marcos: teria de lutar pelo meu nome, e, ao mesmo tempo, ele teria de ser uma oferenda, presenteado como um talismã.

Pedi aos amigos que escolhessem um nome para mim: queria que o novo nome fosse escolhido de forma cooperativa. Mas nenhum dos nomes propostos (Orlando, Max, Pascal...) se impôs como meu. Foi então que iniciei uma série de rituais xamânicos para encontrar um nome e comecei a fazer o que era necessário para mudar. Entreguei-me à travessia. Foi assim que, finalmente, sonhei com meu novo nome numa noite de dezembro de 2015, numa cama do Bairro Gótico de Barcelona: aceitei o nome estranho e absurdamente banal de Paul. Pedi a todos que me chamassem de Paul, nome que acolhi como meu. Paralelamente, iniciei, com a advogada Carme Herranz, um processo judicial de mudança de sexo legal, no qual solicitava também que o nome Paul Beatriz fosse reconhecido como masculino. Depois de meses de silêncio e incertezas, a decisão chegou em 16 de novembro de 2016. Meu novo nome foi publicado, como exige a legislação espanhola em vigor, em meio ao nome das crianças nascidas naquele dia na cidade em que eu tinha nascido havia mais de quarenta anos. Essas crônicas registram a mudança de voz e de nome. Até dezembro de 2015, elas são assinadas por Beatriz, à exceção daquela que assinei, provisória e brevemente, como Beatriz Marcos. A partir de janeiro de 2016, é Paul B. quem assina. Em todos os casos, a assinatura, desfeita e reconstruída por

uma plenitude de atos políticos, não aparece aqui como um lugar de autoridade, mas como testemunha da travessia.

Uma transição de gênero é uma viagem marcada por múltiplas fronteiras. Talvez para intensificar a experiência da travessia, nunca viajei tanto quanto nos meses da parte mais abrupta da transição e do processo de busca por um nome. Como na experiência do exílio, o trajeto começou com a perda do paraíso: a morte de Pepa, a ruptura amorosa, a expulsão do museu, a derrocada do Programa de Estudos Independentes, a perda da casa, o afastamento de Paris... A essas perdas involuntárias somaram-se perdas estratégicas: eu tinha decidido me desidentificar. O aumento da dose de testosterona provocava não só a perda da feminilidade como código de identificação social, do rosto e do nome, mas também e sobretudo, durante meses, a perda do meu estatuto de cidadania legal. Com uma aparência cada vez mais masculina e um documento de identidade feminino, perdi o privilégio da invisibilidade social e da impunidade de gênero. Tornei-me um migrante de gênero. Nessa situação, com um passaporte questionado em todas as fronteiras, aceitei o posto de comissário de programas públicos da documenta 14, exposição internacional de arte. Fui morar em Atenas e saí viajando: Palermo, Buenos Aires, Istambul, Lyon, Kiev, Zurique, Barcelona, Turim, Madri, Frankfurt, Nova York, Bergen, Chicago, Roma, Iowa, Berlim, Kassel, Londres, Cartagena das Índias, Viena, Hong Kong, Los Angeles, Trondheim, Cidade do México, Dublin, Helsinque, Amsterdam, Bogotá, San Francisco, Genebra, Roterdã, Munique, as ilhas gregas Lesbos, Hidra, Alónissos... Cruzei inúmeras fronteiras com esse passaporte constantemente questionado, adaptando-me a contextos políticos que exigiam uma feminilização *express*: fazer a barba, echarpe no pescoço, uma bolsa, uma entonação mais aguda da voz... e meu corpo, na intenção de atravessar a fronteira, reencarnava a feminilidade que eu tinha desaprendido para transformar-

me em Paul. A travessia exigia ao mesmo tempo flexibilidade e determinação. A travessia exigia perdas, mas as perdas me forçavam a inventar a liberdade.

Sem rosto masculino ou feminino, sem nome fixo e com um passaporte duvidoso, instalei-me em Atenas: charneira entre o oeste e o leste, uma cidade no cruzamento dos caminhos. Cheguei a uma Grécia açoitada pela economia da dívida e pelas políticas de austeridade, enfrentando a gestão do afluxo de milhares de migrantes e de refugiados que atravessavam as costas do Mediterrâneo escapando das guerras pós-coloniais do Oriente Médio. Atenas era um observatório único para entender os processos de destruição neoliberal da Europa, de controle social por meio da economia da dívida e da reconstrução dos Estados-nações como enclaves fantasmáticos de recuperação da soberania racial e patriarcal num contexto de guerra global e de globalização financeira. Senti que Atenas tremia como a minha voz e amei-a. Apaixonei-me por suas ruas, sua gente, sua língua. No verão de 2015, a cidade atravessava um duplo colapso político. O governo de Tsípras recusava-se a aceitar o voto democrático contra as políticas de austeridade. Ao mesmo tempo, o porto do Pireu e a praça Victoria transformaram-se em acampamentos improvisados de refugiados sem água, comida ou quaisquer das infraestruturas necessárias à vida. Como já tinha acontecido no final dos anos 1980 durante a crise da aids em Nova York, e durante o movimento dos indignados (ou 15-M) na Espanha, em 2011, uma nova figura do político ganhou forma diante de mim em 5 de julho de 2015, quando centenas de milhares de atenienses, cidadãos e migrantes, encontraram-se na praça Sintagma gritando “Eles não nos representam”. A utopia das social-democracias representativas estava desmoronando; o Parlamento grego, instalado na praça Sintagma, era uma arquitetura oca de poder. O verdadeiro Parlamento estava nas ruas de Atenas.

Contra a hipótese do “fim da história”, segundo a qual as forças neoliberais da globalização agiriam como um vetor de democratização e homogeneização que desgastaria os Estados-nações, construindo um mundo único sem fronteiras, erguia-se uma nova ordem mundial definida pela reconstrução das fronteiras de raça, classe, gênero e sexualidade. As reestruturações econômicas e políticas que se seguiram à crise financeira de 2008, assim como a reação dos governos europeus diante do êxodo das populações que fugiam da fome e da guerra no Iraque ou na Síria, condenaram uma grande parte da população mundial ao estatuto de párias apátridas do neoliberalismo. Estava acontecendo o que jamais teríamos imaginado: o neoliberalismo não somente não questionou os Estados-nações, como na verdade estabeleceu uma aliança com seus segmentos políticos mais conservadores para limitar o acesso dos subalternos às tecnologias de produção de poder e de conhecimento. Um novo ciclo político começou, caracterizado pelo processo que Deleuze e Guattari chamaram de “ressurgências edipianas e concreções fascistas”.¹

Não é, portanto, um acaso que a primeira crônica assinada com meu novo nome seja a de 16 de janeiro de 2015. É uma crônica que fala de outra travessia, do “processo” que poderia levar a uma Catalunha independente. Um processo que, assim como a mudança de sexo, corre sempre o risco de cristalizar-se na construção de uma identidade normativa e excludente. Sujeito e nação não passam de ficções normativas que visam engessar os processos de subjetivação e de criação social em constante transformação. A subjetividade e a sociedade são constituídas de uma multiplicidade de forças heterogêneas, irreduzíveis a uma única identidade, a uma única língua, a uma única cultura, a um único nome. Ridículo quando se expressa como uma luta pela independência de um Estado em relação a outro, o processo em curso na Catalunha só é significativo — como, mais ainda, no caso de Rojava

ou de Chiapas — quando se abre à possibilidade de imaginar um agenciamento coletivo anarcoqueer, antiestatal e transfeminista.

A viagem e a vida em Atenas fizeram-me compreender que não sou eu que estou em mutação, mas que todos estamos mergulhados numa transição planetária. A ciência, a tecnologia e o mercado estão redesenhando os limites daquilo que é e será um corpo humano vivo. Hoje, esses limites não se definem apenas em relação à animalidade e àquelas que têm sido até agora consideradas como formas infra-humanas da vida (os corpos não brancos, proletários, não masculinos, trans, deficientes, doentes, migrantes...), mas também em relação à máquina, à inteligência artificial, à automatização dos processos de produção e reprodução. Se a primeira Revolução Industrial caracterizou-se, com a invenção da máquina a vapor, por uma aceleração das formas de produção, a atual Revolução Industrial, marcada por engenharia genética, nanotecnologia, tecnologias da comunicação, farmacologia e inteligência artificial, afeta em cheio os processos de reprodução da vida. O corpo e a sexualidade ocupam, na atual mutação industrial, o lugar que a fábrica ocupou no século XIX. Existe uma revolução dos subalternos e dos apátridas em marcha e, ao mesmo tempo, uma frente contrarrevolucionária lutando pelo controle dos processos de reprodução da vida. Nos quatro cantos do mundo, de Atenas a Kassel, de Rojava a Chiapas, de São Paulo a Joanesburgo, é possível sentir não apenas o esgotamento das formas tradicionais de fazer política, mas também a emergência de centenas de milhares de práticas de experimentação social, sexual, de gênero, política, artística... Diante do aumento dos poderes edipianos e fascistas, surgem as micropolíticas da travessia.

Embora o contexto político seja de guerra global, os leitores não encontrarão nestas crônicas nem pedagogia nem moral. Na travessia não há dogma. Mesmo quando respondo, enfurecido, aos militantes da

Manif Pour Tous ou aos representantes do regime da diferença sexual, mesmo quando intervenho nas diatribes do movimento #MeToo nas quais os padrões do sexo se debatem para preservar seus privilégios tecnopatriarcais. Estas crônicas falam de putas e de bichas, e não de “sociologia do desvio”; falam de dissidentes sexuais e de gênero, e não de “disfóricos de gênero e transexuais”; falam de estratégias de cooperação entre desempoderados e migrantes, e não de “crise grega” ou de “crise de refugiados”; falam da dificuldade de morar na cidade, e não de “cidades verdes”, “tribos urbanas” ou “bairros periféricos”. Deixo essas palavras e sua expectativa de classificação e de controle para os especialistas das diferentes disciplinas: como dizia Thomas Bernhard, “quando o conhecimento está morto, eles o chamam de academia”. Nestes textos, proponho pensar em termos de relação e de potencial de transformação, e não em termos de identidade.

Vocês verão, no entanto, que às vezes uso, nos textos que se seguem, um bom número de rudimentos críticos inventados nos últimos anos pelas linguagens feministas, queer, trans, anticoloniais e da dissidência corporal. Imaginem que visto um manto terminológico quando escrevo, assim como um migrante precisa de um abrigo pesado para passar o inverno daquilo que alguns chamam de “hospitalidade”, mas que é apenas a negociação (mais ou menos violenta) da fronteira. Essa proliferação de novos termos críticos é imprescindível: funciona como um solvente das linguagens normativas, como um antídoto para as categorias dominantes. Por um lado, é imperativo desmarcar-se das linguagens científicas, técnicas, comerciais e legais dominantes, que formam o esqueleto cognitivo da epistemologia da diferença sexual e do capitalismo tecnopatriarcal. Por outro lado, é urgente inventar uma nova gramática que permita imaginar uma outra organização social das formas de vida. Na primeira tarefa, a filosofia opera, segundo Nietzsche, como um martelo crítico. Na segunda, mais próxima de Monique